

a crise europeia

O PERÍODO EUROPEÍSTICO

de ABEL SALAZAR

O CONFLITO DO IDEAL COM O REAL

Nas épocas históricas arcaicas o homem é mais simples, mais ingénuo. A literatura épica é o expoente desta simplicidade.

Um poema épico surpreende os homens dos períodos históricos adultos ou de decadência. Causa-lhes a impressão de um lindo brinquedo, de um jogo pueril e ingénuo. Não é possível ler hoje a «Iliada», ou os «Lusiadas», sem um sorriso: tal frescura, tal mocidade, tal ingenuidade, e a ênfase épica não são já sentimentos de uma época como a nossa.

Nestes períodos o homem caminha direito a um ideal; ideal indefinido, mal esboçado, por vezes informe, mas assim mesmo com a força hipnotizante e polarizante dos ideais. O potencial de energia que em si contém não está ainda gasto, e a vida aparece-lhe simples, com uma finalidade. O homem sente-se herói e pronto para o acto; sente uma missão a cumprir, e olha sempre para a frente. Tudo é alegria e manhã, mesmo quando nuvens cobrem o céu matinal, mesmo quando tempestades agitam este alvorecer.

O homem, em tais épocas, está em expansão. O mistério dos mundos atrai-o, a febre de aventura impelle-o, e as energias físicas e morais estão em tensão.

Nos períodos de decadência é o contrário.

O homem tem atrás de si realizações já definidas: políticas, sociais, culturais, etc.

Estas realizações, como tudo o que é humano têm um lado positivo e negativo. Como todas as realizações históricas acumulam o mal ao lado do bem.

O mal acumulado aparece então aos olhos do homem cansado; e aparece-lhe mesmo deformado por uma perspectiva amplificante. Além disso esta realização contrária, desmente, o ideal a que corresponde. Política, social e culturalmente, o homem, no período áureo dirigia-se para ideais que não conseguiu atingir. Muito pelo contrário a realidade aparece-lhe desmentindo esse ideal, pela força própria das realizações positivas.

Assim aparece a crítica incidindo sobre o período áureo e suas realizações. Confundem-se os ideais com as realizações; estas são consideradas como uma falência dos ideais. E o homem mergulha no cepticismo, neurastenia-se e o seu espírito põe-se negro.

Depois todo o acto realizado contém em si uma perplexidade. Porque, ou se tenta realizar outro—e então é uma nova civilização que tem de construir-se—ou se prossegue na realização—o que é impossível por definição—ou se estaciona:—o que é o marasmo e a morte.

Resta a crítica, e a perplexidade inquieta de quem não sabe o que fazer.

E' o que precisamente sucede nos períodos de decadência; é o que se verifica no declínio da Grécia, de Roma e da actual Europa: é o que já se verifica na curiosa literatura referente ao Osirismo (1). E', em suma, uma lei geral da História.

O homem de hoje, como o da Grécia e Roma decadentes, está precisamente na situação do artista que se defronta com a sua obra realizada. Passada a febre de criação, construtiva e entusiasta, resta a obra, na sua realidade efectivada:—e ante esta o artista criador transforma-se automaticamente em crítico, e, como crítico, não lhe vê senão os defeitos. Então irrita-se, desola-se, lamenta-se e neurastenia-se. Que lhe resta: recommençar? Mas então é já fazer outra obra. Retoca-la? Reforma-la? Mas a experiência diz-lhe que vai succeder-se o mesmo ciclo, e que, após nova realização, nova critica vai surgir, novo desânimo, nova desilusão. Além disso verifica que por mais que queira fugir de si próprio e do seu tempo, não o poderá fazer e que assim vai repetir, recommençar, a mesma fórmula.

Quer dizer, nos períodos de decadência o homem vê-se entre a realização efectuada e a impossibilidade de criar coisa nova. Começa então, perplexo, oscilando entre o passado e o futuro. No sentido do passado só lhe aparece repetição, monotonia, o já sabido e que é velho; no sentido do futuro, tudo é apenas neblina confusa, mistério e abismo que a um tempo o atrai e o enerva.

Começa então a crise: crise de impotência, crise de neurastenia histórica, perplexidade, inquietação. Pesa sobre o homem o passado; e o movimento impelle-o para a frente, pela força mecânica das coisas. Mas para a frente não encontra senão a projecção triste de uma realização efectuada de que já não vê senão os defeitos, os males e os vícios. Tem de acabar um edificio cujas linhas lhe desagradam, uma tela que o desconsola. Obsecam-no os defeitos, e esta visão paraliza-lhe as energias.

O homem, historicamente, neste momento, está velho e cansado; integrado na fórmula da sua civilização, do seu período histórico, não pode sair fora dele, criar, construir, fora dele; tem de seguir na lógica do movimento histórico e construir na lógica da estática já definida pelo sistema em que está incluído.

E' então a prisão, e, ao mesmo tempo, o movimento fatal do barco que segue na corrente. O homem sente que a nada pode valer, que tudo regido por leis fatais segue o seu destino...

Agrava-se então o conflito do Ideal com o Real; e o homem sente-se projectado para todos os ideais que lhe consigam fazer esquecer o Real. Ideais arcaicos, Idade de ouro, Ideais exóticos, Ideais religiosos, por um lado; Utopias, Miragens, de toda a espécie, por outro lado; e, ainda por outro, o Néant, o Pessimismo, a Negação que em suas fórmulas paroxísticas é afinal uma Miragem como as outras. Surgem então, renovadas, todas as velhas Utopias e Miragens da humanidade; de uma velha arca são retirados os velhos ídolos, e, cheios de pó e de caruncho, de novo passeados ao Sol; e o homem, desorientado, começa a segui-los, em procissão, como outrora.

Mas tudo é ilusão pariférica; no fundo o homem cansado, não crê já em nada. Tais movimentos são arcaicos, mas falta-lhes a espontaneidade original dos velhos tempos. O homem tenta iludir-se a si próprio, sem o conseguir. Então exaspera-se, destrói o ídolo, ou, paradoxalmente, deifica-o de novo num desespero fanático. E os ídolos autóctones, exóticos, arcaicos, de todas as idades, épocas e feitios, surgem à luz do sol, sob as apóstrofes do homem irritado...

...E' então o caos:—o caos de ideais, sentimentos, movimentos, fluxos e refluxos, que sempre se verificam em épocas de decadência, ou nas grandes crises da humanidade...

O conflito do Ideal com o Real torna assim formas exasperadas, alucinadas—que conduzem à fadiga, ao cansaço, ao pessimismo negro, pela sua própria vacuidade, pelo seu carácter e impotência.

(1) Ver Moret: Le Nub et la civilization égyptienne, pag. 257 a 268.